

A SEMANA – 151

John Gledson

Outra crônica sobre o Japão, a nova potência do Pacífico, e que repete algumas das referências da crônica de 28 de outubro de 1894 (126), escrita no começo da guerra que agora terminava. Inicia-se por umas reminiscências do passado, dos teatros e circos dos anos 50 e 60; mas as referências à construção do Teatro Provisório e ao “progresso” terminam num contexto mais atual: a controvérsia, que continuava nos jornais, sobre a reconstrução do Rio de Janeiro, e que Machado talvez achasse “o hino sem sentido” do progresso.

Quando o cronista diz que se meteu a estudar o Japão “logo que [os acrobatas] foram embora”, ou é ficção, ou verdade bem poética, pois as instituições ocidentalizantes do país só se concretizaram no fim dos anos 80. Até que ponto é irônica a simpatia declarada do cronista pela nova potência? Um país que tem “vontade”, que tem “ideias próprias”, e que não se importa com o complexo de superioridade europeu, é para ser admirado, talvez, mas sabe que o reverso da medalha é a agressão, o imperialismo. Só que aí surge outra dúvida – será que a guerra é um mal necessário “para fazer andar as coisas do mundo e do século”? – ideia fundamental para *Esaú e Jacó*.



A SEMANA

21 de abril de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Estão feitas as pazes da China e do Japão.¹

Há muitos anos apareceu aqui uma companhia de acrobatas japoneses. Eram artistas perfeitos, davam novidades, tinham ideias próprias. O efeito foi grande; representaram não sei se no teatro de S. Pedro, onde agora representam, fora de portas, uns engraxadores italianos, se no antigo Provisório, cuja história não conto, por muito sabida, mas que devia ser ensinada nas escolas para exemplo do que pode a vontade.² Lembro só que se chamava Provisório, e foi construído em cinco meses para substituir o teatro de S. Pedro, que ardera. Já isto é bastante: mas, se nos lembrarmos também que o Provisório foi tal que ficou permanente, e passou a Grande Ópera, teremos visto que a vontade é a grande alavanca... O resto acha-se nos discursos de inauguração. Também se pode achar em verso, em algum hino ao progresso, pouco mais ou menos assim:

Bate, corta, desfaz, quebra, arranca
Essas pedras que estão pelo chão;
A vontade é a grande alavanca,
Etc., etc.

Sabe-se o resto; é não perder de vista a alavanca da vontade e ir por diante derrubando pedreiras, morros, casas velhas, compondo estradas, muros, jardins, muita porta franca, muita parede branca.³ A vontade é a grande alavanca. Também se pode fazer o hino sem sentido; é mais difícil, mas uma vez que se lhe conserve a rima, tem

¹ O tratado de Shimonoseki tinha sido assinado no dia 17 de abril. Por ele, a China reconheceu a independência da Coreia, e cedia Taiwan ao Japão, além de pagar uma indenização enorme.

² O teatro São Pedro, o primeiro de grandes dimensões do Rio de Janeiro, no Rossio (atual praça Tiradentes), foi quase inteiramente destruído pelo fogo em agosto de 1851. Decidiu-se pela construção de outro, no Campo de Sant'Ana (atual praça da República), construído muito rapidamente, e aberto em março de 1852. Foi chamado de teatro Provisório, mas ficou sendo o teatro Lírico Fluminense (ou apenas teatro Lírico), de 1856 em diante, sobretudo até a inauguração do teatro São Pedro, em 1875. Era, como diz Sílvia Eleutério, a *opera house* da cidade.

³ Machado certamente se refere aqui ao assunto da modernização do Rio de Janeiro, que preocupou a cidade ao longo da década de 1890, e culminou na remodelação do centro da cidade no começo do séc. XX, o chamado “bota-abaixo”. Ver a crônica seguinte, nota 1.

vida, tem graça, ainda que lhe falte metro. Afinal, que é metro? Uma convenção. O sentido é outra convenção.

Bem; onde estávamos nós? Ah! nos japoneses. Eram exímios; a opinião geral é que eles não prestariam para mais nada, mas que, em subir por uma escada de uma maneira torta, e fazer outras dificuldades, ninguém os desbancava. Deixaram saudades. Grandes artistas tivemos de outras nações, Miss Kate Ormond, os irmãos Lees...⁴ Onde vão eles? Talvez ela tenha fundado alguma seita religiosa no Alabama; eles, se não dirigem alguma companhia de vapores transatlânticos, é que dirigem outra coisa... Tudo mudado, tudo passado. Os japoneses, não me canso de o dizer, eram exímios.

Meti-me, logo que eles se foram embora, a estudar o Japão, de longe e nos livros. O país tinha adotado recentemente o governo parlamentar, o ministério responsável, a fala do trono, a resposta, a interpelação, a moção de confiança e de desconfiança, os orçamentos ordinários, extraordinários e suplementares. Parte da Europa achava bom, parte ria; uma folha francesa de caricaturas deu um quadro representando a saída dos ministros do gabinete imperial com as pastas debaixo do braço. Que chapéus! que casacos! que sapatos! O Japão deixava rir e ia andando, ia estudando, ia pensando. Tinha uma ideia. Os povos são como os homens; quando têm uma ideia, deixam rir e vão andando. Parece que a ideia do Japão era não continuar a ser unicamente um país de curiosos ou de estudiosos, de Loti e outros navegadores.⁵ Queria ser alguma coisa mais alta, coisa que até certo ponto mudasse a face da terra.

Não me digam que a ideia era ambiciosa. Sei que sim; a questão é se a frase é ambiciosa também, e aqui é que eu vacilo, não por falta de convicção, mas de papel e de tempo. A demonstração seria longa. Contentem-se em crer, e vão seguindo, meio desconfiados, se querem. Concordo que, depois dos boatos montevidéanos e rio-grandenses, sobre revoluções, separações e saques, há lugar para duvidar um pouco das vitórias japonesas.⁶

⁴ Esta Miss Kate Ormond atuou no Great Ocean Circus, companhia americana, de Rogers and Spalding, que veio ao Rio em julho de 1862. A *Semana Illustrada* de 13 e a de 20 de agosto desse ano dão uma biografia grotescamente fictícia e cômica desta “célebre e engraçada rainha do Great Ocean Circus”. Ela teria nascido na Patagônia, foi sequestrada por saltimbancos, e tem “apenas 4 anos, 3 meses e 27 dias, porém é de um crescimento prodigioso, por ser natural da Patagônia”, etc., etc. Não pude identificar os irmãos Lees, verossimilmente outros artistas circenses.

⁵ Pierre Loti (pseudônimo de Julien Viaud; 1850-1923) foi uma das figuras mais importantes da literatura do fim do século na França, e muito conceituado até bem depois da morte. Seu romance mais famoso é *Pêcheurs d’Islande*, sobre os pescadores bretões. Especializara-se em escrever sobre viagens e culturas mais ou menos exóticas. Em 1887, publicou *Madame Chrysanthème* (Roman sur le Japon), história de um oficial da marinha que se casa, embora por pouco tempo, com uma gueixa japonesa, que depois “se consola sem dor”. Foi um texto importante na formação de atitudes perante o Japão neste período. André Messager fez dele uma ópera, em 1893, que guarda semelhança com a mais famosa *Madame Butterfly*, de Puccini, de 1904.

⁶ Em 20 de dezembro de 1894, o presidente Prudente de Moraes começara o processo que levaria à pacificação do Rio Grande do Sul, depois da guerra federalista. Entretanto, só no dia 23 de agosto de 1895 seria firmada a paz. Os jornais, naturalmente, estavam cheios de notícias e de telegramas acerca

Eu creio no Japão. Na tragédia conjugal que houve há dias na rua do Matoso, até aí acho o meu ilustre e valente Japão.⁷ Não é só porque tais peças têm lá o mesmo desfecho, mas pelo estilo dos depoimentos das testemunhas do caso. Segundo um velho frade que narrou as viagens de S. Francisco Xavier por aquelas terras, há ali diversos vocabulários para uso das pessoas que falam, a quem falam, de que falam, que idade têm quando falam e quantos anos têm aquelas a quem falam, não sabendo unicamente se há diferença de varões ou damas: o padre⁸ Lucena é muito conciso neste capítulo.⁹ Pois os depoimentos das testemunhas de cá usaram, quando muito, dois vocabulários, sendo um deles inteiramente contrário ao de Sófocles. Pão pão, queijo queijo. É claro que a justiça, sendo cega, não vê se é vista, e então não cora.

Viva o japonismo! Dizem telegramas que a ideia secreta do Japão é japonizar a China. Acho bom, mas se é só japonizar a crosta, não era preciso fazer-lhe guerra. Não faltam aqui salas, nem gabinetes, nem adornos japônicos. Os irmãos Goncourts gabam-se de terem sido na Europa os inventores do japonismo.¹⁰ Um bom leiloeiro, quando

desse processo complicado, cheio de boatos e acusações mútuas. O telegrama-fonte, sem dúvida entre outros, pode ter sido este, transcrito de *A Notícia*, da *Gazeta* de 20 de abril: “MONTEVIDEO, 18. Consta aqui que se descobriu em Porto Alegre uma conspiração contra o presidente da República. / Esta conspiração ramificava-se na cidade do Rio Grande do Sul, Pelotas e Jaguarão. / Estavam comprometidos os 3º, 11º e 29º batalhões. / Contava-se com a torpedeira *Silvado*. / [...] As cidades seriam entregues ao saque por três horas. / Alguns oficiais adeptos do governo foram convidados a tomar parte, mas recusaram-se, denunciando o plano. / Estão presos muitos oficiais de terra e mar.”

⁷ Os jornais se ocuparam deste caso de adultério e assassinato no dia 18 de abril. Como diz o cronista, as reportagens fazem dele uma “peça”, isto é, contam a história de um jeito inteiramente convencional, com o marido honrado, trabalhador e bom pai (Antônio Teixeira da Cunha Júnior), e a mulher (Adelaide Araújo da Cunha) namoradeira e sem escrúpulos. O desfecho se deu na rua do Matoso, onde o marido abateu a mulher a tiros, quase matando também a sua irmã paulista, Emília de Araújo Dias. O que interessa Machado não é o caso em si, mas o “estilo dos depoimentos das testemunhas”, que parece ter chocado o repórter da *Gazeta*: os amantes tinham ido para a hospedaria da Estrela, na rua da Carioca, obviamente lugar de encontros, onde “Emília ficou à porta com o companheiro de Álvaro, enquanto sua irmã trancava-se com o amante em um quarto. / O que de torpezas aí se passou o leitor avaliará pelo depoimento de Emília. Tudo quanto o cinismo de uma messalina de baixa classe pode imaginar, revelou Adelaide, confessando com o maior descaramento o seu crime e zombando da irmã que não quisera entregar-se ao companheiro de seu amante.” Na sua declaração, Emília diz: “Que ela declarante teve escrúpulo de entrar para o quarto com Miguel, pois lembrou-se de que nunca traiu o seu marido, o que declarou ao mesmo Rangel. / Que sua irmã demorou-se algum tempo no quarto com Álvaro, e que ao sair do mesmo perguntou-lhe o motivo por que não tivera relações com Miguel, descendo para tomar o carro, onde sua irmã entre risadas disse-lhe ‘que quem entrava numa casa daquelas (referindo-se a uma hospedaria), era para fazer alguma’. / Que em seguida pôs-se a caçoar com Miguel que fizera cruces na boca, e voltando-se novamente para ela declarante, observou-lhe que não se arriscava a passar na rua da Carioca e entrar em uma hospedaria senão para alguma coisa (...).” Parece que, além de mencionar as “hospedarias” e seus usos sabidos de todos, a expressão “fizera cruces na boca” insinua que Miguel “passara fome” (a expressão significa “resignar-se com a falta, não apanhar o que deseja, passar sem comer”, conforme Antenor Nascentes, em: *Tesouro da fraseologia brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966. p. 90). A insinuação obscena – que Miguel não “comera” o que desejava – é bastante clara, obscena de fato. Deve ser a isto que Machado se refere quando fala dos “dois vocabulários”.

⁸ Assim na *Gazeta*. Aurélio tem “Padre”.

⁹ Para o padre Lucena, ver crônica de 28 de outubro de 1894 (126), nota 12.

¹⁰ Ver crônica de 28 de outubro de 1894 (126), nota 10.

apregoa um vaso sem feições vulgares, chama-lhe japonês, e vende-o mais caro. Viva o japonismo! Quanto a mim, as pazes com a China estão feitas, e, por mais que as condições irrite a Europa, como há agora mais uma grande potência no mundo, é preciso contar com a vontade desta, e eu continuarei a ler com simpatia, mas sem fé, a propaganda do Sr. Dr. Nilo Peçanha a favor do arbitramento entre as nações. Para deslindar questões, creio que o arbitramento vale mais que uma campanha;¹¹ mas para fazer andar as coisas do mundo e do século, fio mais de Yamagata e seus congêneres.¹²



¹¹ Nilo Peçanha (1867-1924), mais tarde vice-presidente e presidente do Brasil de 1909 a 1910, e ministro de assuntos exteriores. Na imprensa, argumentava a favor da resolução de disputas internacionais pela arbitragem (v. p.ex. “O Tribunal”, n’*O Paiz*, 16 de maio de 1895).

¹² Ver crônica de 28 de outubro de 1894 (126), nota 8.